



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS**

DARÍLIA MARIA COSTA OLIVEIRA FÊNIX

***ESTEREÓTIPOS EM QUADRINHOS: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS
TEIAS DISCURSIVAS DO HUMOR***

Campina Grande – PB

2011

DARÍLIA MARIA COSTA OLIVEIRA FÊNIX

***ESTEREÓTIPOS EM QUADRINHOS: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS
TEIAS DISCURSIVAS DO HUMOR***

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Rosângela Maria Soares de Queiroz.

Campina Grande – PB

2011

F333e

Fênix, Darília Maria Costa Oliveira.

Estereótipos em quadrinhos [manuscrito]: a representação do feminino nas teias discursivas/ Darília Maria Costa Oliveira Fênix– 2011.

40 f.: il: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra Rosângela Maria Soares de Queiroz, Departamento de Letras e Artes”.

1. Identidade feminina. 2. Discurso humorístico. 3. Interdiscurso. 4. Linguagem dos quadrinhos. I. Título.

CDD 305.42

DARÍLIA MARIA COSTA OLIVEIRA FÊNIX

**ESTEREÓTIPOS EM QUADRINHOS: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NAS
TEIAS DISCURSIVAS DO HUMOR**

Aprovada em 12 de dezembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Maria Soares de Queiroz Nota 10,0
Profª Drª Rosângela Maria Soares de Queiroz - UEPB

Simone Dália de Gusmão Aranha Nota 10,0
Profª Drª Simone Dália de Gusmão Aranha - UEPB

Marcos Wagner da Costa Agra Nota 10,0
Prof. Ms. Marcos Wagner da Costa Agra - UEPB

Média 10,0

Ao meu marido e eterno namorado, Filipe Fênix.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Dr^a Rosângela Queiroz, pela contribuição e suporte necessários à realização deste trabalho.

À UEPB e a todos que contribuíram para a minha formação.

Ao professor Ms. Marcos Agra, pelo qual sinto grande admiração, respeito e gratidão.

À professora Dr^a Simone Dália, por seu carinho e sua consideração.

Aos meus pais, Flávio e Nazaré, por serem os responsáveis por chegar até aqui.

Ao meu marido, Filipe Fênix, que também é minha família, e ao qual sou eternamente grata por seu inestimável companheirismo.

A Aline Moreira, por sua amizade inesquecível.

*“As dores pequenas são tagarelas;
as grandes, mudas.”*
Sêneca

RESUMO

A pesquisa em pauta tem como objeto de análise e reflexão a representação da identidade feminina no discurso humorístico, a partir da observação de estereótipos que retomam preconceitos cristalizados na história sobre a imagem e o papel da mulher na sociedade. Objetiva-se investigar como se revela a ideologia patriarcal no espaço da interdiscursividade e analisar os implícitos que perpassam os efeitos de sentido sobre o imaginário feminino. Sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, o trabalho segue com a observação da construção histórica, social, cultural e ideológica da imagem feminina, em tiras de humor. E, com base nas teorias de Fairclough (2001), nas concepções de Memória Discursiva, de Pêcheux (1999), e nos estudos de Brandão (2004) sobre Ideologia, segue sob a perspectiva socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais. Através da análise interpretativa, a pesquisa mostra as estratégias discursivo-ideológicas que ironizam as conquistas femininas através de estereótipos. E evidencia, para fins de análise e conclusão, a existência das relações de poder, legitimadoras das diferenças entre os gêneros, na produção astuciosa e estratégica do humor.

Palavras-chave: Identidade feminina. Discurso humorístico. Estereótipos. Relações de poder.

ABSTRACT

The study in focus has the goal of analysis and reflection the representation of female identity in the humorous discourse, from the observation of stereotypes which restate crystallized prejudices in history about the portrayal of women in society. The objective is to investigate how the patriarchal ideology is revealed in the interdiscursive space and analyze the implicit that underlie the sense effects about the feminine imagery. Under the Critical Discourse Analysis prism, the study follows observing the historical, social, cultural and ideological formation of the female image, in humor strips. And, based on the theories of Fairclough (2001), in the discursive memory conceptions of Pecheux (1999), and the studies of Brandão (2004) about Ideology, it follows from the social-constructionist perspectives of the discourse and the social identities. Through the interpretive analysis, the research shows the ideological-discursive strategies that deride the women conquests through the stereotypes; And, for analysis and conclusion purposes, it shows the existence of power relations, legitimizing gender differences, in the strategic and clever production of humor.

Keywords: Female identity. Humorous discourse. Stereotypes. Power relations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Discurso, formação de identidades sociais, ideologia e relações de poder.....	14
2.2 Memória Discursiva (ou interdiscurso) na construção identidária feminina.....	16
2.3 Gênero: uma relação cultural.....	17
2.4 A mulher na História e a construção de estereótipos.....	19
2.5 A linguagem dos quadrinhos: características textuais-discursivas e a produção do humor	21
3 ANÁLISE.....	24
3.1 Estereótipos do “tipicamente” feminino: uma representação da mulher e dos seus “previsíveis” papéis, nos quadrinhos de Maitena.....	24
3.2 Subversão e retomada de estereótipos.....	30
3.2.1 “Aline”: revolução feminina e reafirmação dos papéis de gênero.....	30
3.2.2 “Jandira e Gervásio”: dualidades de gênero na troca de papéis.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5 REFERÊNCIAS	39

Estereótipos em Quadrinhos: A representação do feminino nas teias discursivas do humor

1 Introdução

A presente pesquisa tem como objeto de análise e reflexão a identidade feminina na discursividade humorística, cujos efeitos de sentido suscitam relações de poder entre os gêneros, através de estereótipos que retomam preconceitos cristalizados sobre a imagem e o papel da mulher na sociedade. Objetivamos investigar como se revelam os valores patriarcais e a dominação masculina no espaço discursivo, e compreender como e por que o discurso do riso promove a circulação de ideias que projetam modelos pré-determinados de mulher e a sua “inferioridade” perante a figura masculina.

Sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, objetivamos captar as entrelinhas ideológicas presentes em tiras de humor que estereotipam a efigie feminina na sociedade, através de uma construção social, histórica e cultural que sugere a opressão patriarcal e o incentivo às diferenças entre os gêneros, denunciando o ideal de uma relação hierárquica e divisora de papéis.

Para tanto, compreendemos os sentidos como efeitos, histórica e ideologicamente construídos, de uma memória discursiva que, por sua vez, implica na formação imaginária da identidade feminina – objeto de interesse pela investigação, uma vez reconhecida a necessidade de se refletir sobre a forte influência dos discursos dominantes na construção da imagem dessa minoria em ascensão. Aspecto tão relevante quanto refletir sobre a relatividade “absolutista” dos discursos, isto é, sobre as circunstâncias sócio-histórico-ideológicas que (pré) determinam o que a sociedade deve pensar, seja em relação a si mesmo seja em relação ao outro; valores que são compartilhados na medida em que são encarados como reflexos da realidade - representações que não são questionadas pelo senso comum, e assim, internalizadas como verdades. Diante, pois, dessa irreverência aos estereótipos, propomos um olhar de criticidade, seja em relação às estratégias do discurso na constituição das imagens, seja em relação ao aspecto de comunhão social de ideias a pretexto do riso.

A nossa análise, que reside na investigação da construção discursiva ideológica do gênero em tiras cômicas, baseia-se nos pressupostos teóricos da análise crítica do discurso, sob a perspectiva socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais (FAIRCLOUGH, 2001). Também nos baseamos nas concepções de Memória Discursiva (PÊCHEUX, 1999), e

de Ideologia (BRANDÃO, 2004) - cujo foco de observação reside nas estratégias discursivas, no discurso propriamente dito, como instrumento ideológico de dominação. Apoiamo-nos, ainda, nas teorias de Possenti (2002), que têm como foco a representação de identidades “avessas” construídas pelo outro (interdiscursividade), através de estereótipos no humor, visando à análise e compreensão dos fenômenos discursivos responsáveis pela ampla circulação de conceitos estereotipados do feminino. E, para compreensão do gênero discursivo aqui observado, partimos das considerações de Maingueneau (2005), que compreende a Tirinha como um gênero pertencente a um gênero maior – o dos quadrinhos.

Visando, pois, à análise, tomamos como *corpus* alguns quadrinhos de Maitena, parte dos quais integra a seleção publicada no livro: “*Mulheres Alteradas I*”; algumas tirinhas de Adão Iturrugarai, com a personagem Aline; e tirinhas de Zappa, com a personagem Jandira e o seu marido Gervásio.

Para fins de análise, tecemos, pois, algumas questões. Primeiramente, que razões poderiam girar em torno da ampla circulação desses discursos que cristalizam preconceituosamente a imagem do feminino? A inversão de papéis no humor, além de sugerir o riso, contraria os discursos rotulantes sobre a mulher, ou reafirma esses mesmos estereótipos? E em que medida o discurso humorístico sobre a mulher pode atuar como um promotor das ideias e ideais da ideologia dominante – a masculina?

Sabe-se que a minoria tende a ser discriminada e ridicularizada por meio do exagero – recurso estratégico do humor. A prática discursiva de rotular a imagem feminina sob diversos preconceitos e generalizações pode ser uma possível resposta opressora (ou ainda, uma saída) contra a ascensão social dessa classe, desde os primórdios “recanteada”. Em outras palavras, a mulher ganhou novos espaços e a tentativa de barrar essas conquistas faz emergir discursos que desconstruem essa imagem dessa nova mulher batalhadora, que conseguiu provar a sua força e a sua competência, mesmo diante de uma sociedade predominantemente machista. O objetivo de tais discursos, portanto, pode ser compreendido como a necessidade de mitificar a imagem dessa mulher competente e inteligente, num mundo onde quem manda é o homem.

Num segundo momento de reflexão, apontamos para o fato de que o humor tem se materializado também na inversão de papéis - do homem e da mulher. No entanto, os efeitos discursivos que geram essa troca acabam por reafirmar os mesmos estereótipos, quando o humor é produzido exatamente no momento em que o homem é representado com comportamentos ou atitudes “tipicamente” femininas.

Por fim, partimos da hipótese de que os discursos recorrentes sobre a mulher refletem não somente os valores e a ideologia dominante, que se apresenta como forma de romper com as conquistas femininas que desafiam a supremacia masculina construída em todo o percurso histórico-social. Dessa forma, observamos os discursos como instrumentos de ação através dos quais são criadas representações que sustentam o que a classe dominante pretende sustentar.

Com base na metodologia interpretativista, analisamos os discursos que estereotipam a imagem feminina, observando como se dá sua representação em tiras de cunho humorístico, e como se revela nos implícitos a determinação de papéis cultural e historicamente construídos sob a perspectiva da ideologia dominante.

Nosso trabalho limita-se, portanto, à interpretação discursiva e à reflexão, a partir da leitura de tiras cômicas selecionadas, cujos discursos norteiam tematicamente o universo feminino. Além da identificação de estereótipos, seguimos com a análise dos elementos extralinguísticos, em especial as construções ideológicas que subjazem a tais discursos.

No segundo capítulo, tópico 2.1, tecemos um esboço teórico sobre *Discurso, formação de identidades sociais, ideologia e relações de poder* no processo de construção da imagem feminina. Além do levantamento dos conceitos necessários à discussão, refletimos sobre como o discurso age no sentido de reinventar a realidade, a partir de valores ideológicos e sentidos dominantes que subjazem a formação de identidades.

No tópico 2.2, tecemos breves considerações teóricas sobre *Memória Discursiva (ou interdiscurso) na construção identitária feminina*. Discutimos sobre as práticas discursivas enquanto instrumento de preservação de pré-construídos responsáveis pela construção da identidade feminina, no plano da linguagem.

No tópico 2.3, apontamos algumas considerações sobre as noções de *gênero* e *sexo*, para compreensão dos fenômenos discursivos sobre o universo feminino, que emergem de tais conceitos.

No tópico 2.4, *A mulher na História e a construção de estereótipos*, esboçamos sobre a condição feminina, ao longo de um contexto histórico-cultural, responsável pela opressão patriarcal e pela construção de estereótipos que retomam discursos arcaizados sobre a mulher, na tentativa ideológica masculina de “domesticá-la”.

No tópico 2.5, *A linguagem dos quadrinhos: características textuais-discursivas e a produção do humor*, levantamos algumas características linguísticas e extra-linguísticas do gênero discursivo a ser observado, a fim de compreender o espaço discursivo que existe entre

o gênero e os sentidos implicitamente construídos acerca do universo feminino e das dualidades de gênero, na discursividade humorística.

No terceiro capítulo, tópico 3.1, *Estereótipos do “tipicamente” feminino: uma representação da mulher e dos seus “previsíveis” papéis, nos quadrinhos de Maitena*, identificamos os preconceitos mais comuns que giram em torno do feminino, e analisamos como se dá a determinação de papéis através das entrelinhas discursivas do humor, observando as perspectivas ideológicas que atravessam tais discursos, e como as rupturas apresentadas refletem tão somente a reafirmação de modelos pré-determinados de mulher, e como tais conquistas são ridicularizadas.

No tópico 3.2, *Subversão e retomada de estereótipos*, identificamos a quebra dos discursos patriarcais, através de personagens femininas que rompem com os paradigmas e as convenções estabelecidos pela sociedade, e analisamos, em contrapartida, a retomada de discursos que determinam os lugares de cada gênero, observando a presença de pré-construídos sobre a mulher, num discurso que se firma através da reafirmação camuflada de papéis. Para tal, analisamos, no subtópico 3.2.1, *“Aline”*: *Revolução feminina e reafirmação dos papéis de gênero*, a personagem moderninha, que desconstrói as expectativas tradicionais do patriarcado; e, no subtópico 3.2.2, *Jandira e Gervásio: Dualidades de gênero na troca de papéis*, analisamos a personagem Jandira, que submete o seu marido ao silêncio e à domesticidade, a fim de reconhecer, através do humor e da ironia, as intenções discursivas que reforçam as diferenças e a hierarquia entre os gêneros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Discurso, formação de identidades sociais, ideologia e relações de poder

Partindo da concepção socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais (FAIRCLOUGH, 2001; MOITA LOPES, 2003), entendemos a formação das identidades a partir das construções sociais realizadas através dos discursos que, por sua vez, compreendem efeitos de sentido responsáveis pelas representações (geralmente estereotipadas) que circulam na sociedade.

Segundo Fairclough (2001:63), “O discurso é um modo de agir, uma forma pela qual as pessoas agem em relação ao mundo e principalmente em relação às outras pessoas.”. Nesse sentido, o discurso representa esse espaço de interação social no qual agimos e mantemos relação com a exterioridade, por meio dos significados que construímos em nossas práticas discursivas.

Dessa forma, “O discurso não apenas reflete ou representa as entidades e relações sociais, ele as constrói ou ‘constitui’; diferentes discursos constituem práticas sociais de formas diversas, posicionando os indivíduos de maneiras diferentes como sujeitos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 3-4). Nessa perspectiva, discurso é ação (IDEM, 2001, p. 91), uma vez que constituímos a vida social na medida em que agimos sobre ela por meio do discurso, ou seja, por meio dos efeitos de sentido que constroem e reproduzem as visões e formas de agir sobre o mundo, moldando-o em diferentes significados – em dimensões que resgatam, muitas vezes, práticas ideológicas de discursos dominantes. Pois,

Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, consequentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias; que regulem a produção e distribuição de idéias de seu tempo e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época (Marx e Engels, *apud* BRANDÃO, 2004, p. 19).

Assim, a ideologia “é um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser idéias de todos. (...) Necessária à dominação de classe, a ideologia é ilusão, isto é, abstração e inversão da realidade” (BRANDÃO, 2004, p. 21). Nesse sentido, os significados circulantes perpassam por uma reinvenção do real, para cristalização de uma verdade construída com fins ideológicos de dominação. Nesse caso,

podemos dizer que os discursos se manifestam por meio de uma construção ideológica respaldada na tentativa de promover a hierarquia entre dominado e dominador, projetando-se na proliferação de discursos modeladores que legitimam sentidos incontestáveis, ou seja, tornando reais significados “ilusórios” e inalteráveis, através de ideais lançados para fins de dominação, assim como compreende Fairclough (2001:91): “As práticas discursivas são investidas de um caráter ideológico até onde elas incorporam significados que contribuem para sustentar ou reestruturar relações de poder.” O que significa dizer que o discurso pode agir como uma ferramenta-chave para sustentar as relações de poder, já que, por meio da palavra, a ideologia se revela. O que comunga com a reflexão de Bakhtin (2002:41), quando diz que “As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos, e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”.

Nessa linha de pensamento, tudo o que se constrói por meio da palavra tem suas raízes na ideologia a ser defendida, através do discurso que visa à sua autenticidade, conforme os valores que se pretende semear e cultivar, para que o controle sobre o mais fraco permaneça e se tornem inabaláveis as estruturas daquele que impõe o seu poder. Pois, como afirma Gregolin (2003:12), “Há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos”. Nessas circunstâncias enunciativas, o discurso passa a ser uma ferramenta capaz de estabelecer os sentidos necessários à “consagração” daquele que domina, ao reconstruir a realidade e agir sobre ela.

Segundo Orlandi (2006:265), “Como as condições de vida do homem estão encravadas nas relações de poder (...) é por aí que passa o uso das palavras e os seus muito significados. E não passa impunemente.” Dessa forma, o domínio sobre a palavra consiste diretamente no domínio sobre o outro, numa relação em que o sujeito, por meio da linguagem, opera sobre o mundo, reconstituindo sua própria realidade e também a dos outros. Assim, como compreende Moita Lopes (*apud* TÍLIO, 2008, p. 103), “examinar o discurso desta perspectiva [socioconstrucionista] implica analisar como os participantes envolvidos na construção do significado agem no mundo através da linguagem e, portanto, como se constroem e como constroem sua realidade social”. O que significa compreender que os significados são construídos a partir de um contexto maior, em que neles estão intrínsecos valores sociais, históricos e culturais.

2.2 Memória Discursiva (ou interdiscurso) na construção identitária feminina

Segundo Pêcheux (1999), a memória discursiva funciona como um mecanismo de “recuperação” de dizeres que em algum momento da história já foram ditos, mas “esquecidos”, e de tal maneira retomados sob a forma de pré-construídos, que se configuram nos implícitos das práticas discursivas. Seriam as imagens e os sentidos que foram construídos por meio de dizeres discursivos já realizados e que se refletem ainda nos discursos atuais, sem que o sujeito, inserido em tal prática, tenha consciência de que sua fala já foi a fala de outrem.

Nessa perspectiva, a memória discursiva “deve ser entendida (...) não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória do historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Sendo assim, deve ser compreendida como a memória coletiva preservada nas práticas discursivas, em que os sentidos são construídos e mantidos nas relações de interdiscursividade no plano sócio-histórico da linguagem.

Segundo Vignaux (*apud* ORLANDI, 2007, p. 73), “o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação.” As práticas discursivas que apontam genericamente certas particularidades do universo feminino, tendem a firmar ou recuperar imagens que resgatam a memória discursiva, retomando estereótipos que a rotulam como frágil, histórica, vaidosa, consumista e incapaz de fazer “coisas de homem”. Sendo assim, é possível dizer que tais representações podem se constituir meios de reforçar a assimetria e as relações de poder entre os gêneros, pois

Discurso, conhecimento e poder são instâncias irremediavelmente entrelaçadas (...) a idéia que se erigiu em torno da oposição homem/mulher é criação e conseqüência de determinada estrutura de poder: o poder produz a realidade e a verdade dos gêneros segundo uma relação de hierarquia em que o masculino submete o feminino. (ZOLIN, 2008, p. 356).

Logo, as práticas discursivas, tal como elas se firmam na história, agem no sentido de cristalizar os símbolos que devem representar as ideias e os valores do coletivo, uma vez que, segundo Link (*apud* GREGOLIN, 2003, p. 98), “A percepção de uma ‘identidade’ (...) constrói-se por meio desses símbolos que circulam no espaço social. Sob a forma de imagens

reificantes, cujo enraizamento coletivo resulta de sua relevância histórica (...) cada sociedade constrói seus símbolos coletivos”. De tal forma, como já pré-construído em nossas mentes, a figura da mulher, que se reproduz no tempo e no espaço, é representada através de estratégias que antecipam sua imagem (estereotipada) construída por meio de uma formação imaginária, que se instalou na memória coletiva.

Ademais, cabe ressaltar que os textos que circulam na mídia têm reforçado esses símbolos petrificados sobre a imagem feminina bem como o seu papel, construídos ao longo da história, como aponta Gregolin (2003:105):

A aparente instantaneidade da mídia interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da re-significação de sentidos enraizados no passado. Por isso, determinadas figuras cristalizadas na memória coletiva estão constantemente sendo recolocadas em circulação, permitindo os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos.

Dessa forma, os sentidos construídos e compartilhados socialmente se firmam em raízes do passado que se perpetuam, na maioria das vezes implicitamente, na ampla circulação de textos que retomam perspectivas arcaizadas sobre a mulher, transformando-a num alvo de preconceitos.

2.3 Gênero: Uma relação cultural

Diferentemente da relação biológica, construída para diferenciação dos sexos, em que a identidade da mulher é regida por sua “natureza”, o gênero representa a construção sócio-histórico-cultural, que desnaturaliza as diferenças fundamentadas no sexo. Tal definição remete à ideia de que homens e mulheres não são diferentes por razões biológicas, mas são, desde pequenos, ensinados a serem diferentes, conforme comportamentos e relações determinados pelo social, como bem aponta Carvalho (2003:58):

[...] gênero é definido como a construção social, histórica e cultural das diferenças baseadas no sexo. Por conseguinte, o conceito de gênero ratifica que biologia não é destino, ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, pois estes significados são socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e gênero.

A elaboração do conceito de gênero, na década de 1980, representa a tentativa de *desnaturalizar* as diferenças de comportamento e de estatuto social de homens e mulheres, bem como a divisão social (sexual) do trabalho.

Desse modo, as diferenças de comportamento e de estatuto social não advêm da natureza biológica do homem ou da mulher, e sim, de uma natureza social respaldada em valores de uma ideologia em que o homem deve ser a figura dominante, uma vez que os significados construídos socialmente sobre as diferenças baseadas no sexo são produto de uma ideologia responsável pelo distanciamento das identidades de gênero, que transmite os ideais a serem conservados, tal como reflete Belotti (1975:8): “A cultura à qual pertencemos, como qualquer outra cultura, serve-se de todos os meios à sua disposição para obter dos indivíduos dos dois sexos o comportamento mais conforme aos valores que lhe interessa conservar e transmitir.”.

Nessa perspectiva, nenhuma diferença entre os sexos pode ser considerada um fator natural, visto que durante todo o processo de educação existe todo um condicionamento social que manipula os indivíduos dos dois sexos para que possam representar uma identidade voltada para a função de cada um, isto é, para o que a sociedade pretende formar: uma classe que domina, e, naturalmente, outra que aceite, que se submeta a tal dominação. Por isso, “[...] desde tempos imemoriais os machos são condicionados para a atividade e a agressividade e as fêmeas para a passividade e a submissão, daí se deduz que se trata de um fato natural ligado à biologia dos dois sexos. (BELOTTI, 1975, p.19). Logo, para sustentar esse sistema é preciso haver uma separação, que promova tal hierarquia, levando à ideia de que o feminino é o sexo frágil e o masculino, o sexo forte, por isso deve comandar. Para isso, “[...] desde os primeiros anos de infância se elimina tudo aquilo que pode torná-los semelhantes e se exalta tudo aquilo que pode torná-los diferentes” (BELOTTI, 1975, p. 26). Assim, segundo essa hierarquia biológica, a mulher representa o gênero dominado e silenciado, pois as diferenças impostas revelam a “institucionalização” do domínio masculino, uma vez que

A necessidade de classificar de certa forma os seres humanos escolhe sempre a classificação mais fácil, mais evidente (sexo, raça, idade, religião etc.), ou alguma já aceita por costume milenar. A primeira e fundamental é baseada nos sexos: é uma forma de racismo, mas aparenta uma tal naturalidade que não desperta dúvida nenhuma sobre sua injustiça. Bem longe de constituir um fato natural, trata-se, ao contrário, de um fato cultural indispensável para manter inalterados certos privilégios reconhecidos àquele que o propôs e o vem

transmitindo inflexivelmente através dos tempos, ou seja, o macho, naturalmente com a cumplicidade e a passiva aceitação da mulher. (BELOTTI, 1975, p. 133).

Nessa linha de pensamento, a mulher deve distanciar-se ao máximo da casta masculina para que não abale a estrutura social em que o homem mantém o seu domínio e prestígio social.

2.4 A mulher na História e a construção de estereótipos

A imagem da mulher tradicional, desenhada ao longo de todo um percurso histórico, via-se resumida às suas funções do lar, com seus papéis culturalmente construídos por discursos ideológicos dominantes. Destinada à opressão patriarcal, as diferenças entre os gêneros acentuam-se na medida em que a mulher aparece como uma serva à disponibilidade masculina, de forma que “o poder é exercido na vida civil e doméstica de modo a submeter a mulher, que, a despeito dos avanços democráticos, tem continuado a ser dominada, desde muito cedo, por um sistema rígido de papéis sexuais.” (ZOLIN, 2008, p. 355). Uma vez que,

Trata-se, na verdade, de uma estrutura social estabelecida ao longo da história da humanidade e ‘naturalizada’, de acordo com os interesses da ideologia dominante responsável por sua construção, veiculados por instituições como Família, Estado, Igreja e Escola, entendidas como lugares de elaboração e imposição de princípios de visão e divisão sexualizantes, ratificadores da dominação masculina. (ZOLIN, 2008, p. 357).

De tal modo, a valorização da masculinidade evidencia-se no silêncio imposto às mulheres, que são “treinadas”, desde pequenas, pela sociedade, a desempenhar os deveres que competem com a sua “ínfera” condição feminina, especialmente no que concerne à sua capacidade inata de gerar filhos; sustentando, assim, a ideia de que a mulher é “frágil, sem condições de pensar, criar ou sobreviver sem o homem, servindo apenas como um grande útero.”¹:

¹ O papel da mulher na sociedade brasileira: Da sociedade colonial aos dias atuais. Palestra de Miriam Munhoz Fernandes. Ano: 2005. Acesso em 24/04/2011. Disponível em: http://www.monteirolobato.com.br/material/palestra_miriam.doc

O corpo, portanto, é seu destino: menstruação, gravidez, parto, amamentação e educação dos filhos consistem nos primeiros sinais da natureza responsáveis pela inscrição da mulher, e não do homem, como o sexo destinado ao silêncio e ao emparedamento no espaço privado e na obscuridade. Nessa ordem de idéias, coube ao homem toda a mobilidade, o espaço público, o domínio da palavra, o poder e, conseqüentemente, o direito de dominação. (ZOLIN, 2008, p. 356).

Nessa linha de pensamento, a ideia que se perpetua sobre a mulher tem suas raízes cada vez mais fixadas na construção de uma imagem fragilizada pela própria natureza, que determina o seu lugar e o seu papel social, competindo ao homem a voz do poder.

Em contrapartida a essa dominação, entre os anos 1970 e 1980, surgem as primeiras manifestações do pensamento feminista, com o intuito de romper com essas desigualdades, através da desestabilização dos alicerces do império masculino. A mulher ganhava, então, espaço em lugares nunca antes conquistados. O que, evidentemente, abalava e desafiava a ideologia machista, uma vez que, como bem aponta Badinter (2005:17-18), “(...) todas as outras mulheres que fazem seu caminho em territórios masculinos, perturbam a ideologia dominante.”.

Nesse caso, estereótipos podem ser perfeitos instrumentos capazes de camuflar tal ascensão, pois, é preciso reafirmar a fragilidade feminina e sua impotência nas atividades sociais, para que a ideia de que o homem está à frente em qualquer época, e em qualquer lugar, se perpetue na memória coletiva de geração em geração. “Ora, chistes que se fundam em estereótipos são sempre agressivos, (...) e, portanto, devem referir-se a alguma diferença construída em condições históricas de disputa.” (POSSENTI, 2002, p. 158). Assim, tal repressão, que se reflete em grande proporção nos discursos humorísticos, tende a recuar os passos femininos e realimentar a supremacia masculina, na tentativa de omitir ou impedir os avanços do gênero até então excluído.

Nessa perspectiva, reconhecer suas conquistas seria desconstruir o que a ideologia dominante, através das diferenças sócio-culturais alimentadas, formulou na memória discursiva dos sujeitos – o que confirma “a existência de um discurso ideológico que, utilizando-se de várias manobras, serve para legitimar o poder de uma classe ou grupo social”. (BRANDÃO, 2004, p. 30).

Dessa forma, estereótipos que emergem dos discursos humorísticos refletem as condições históricas de produção, responsáveis pela construção cultural, estigmatizada e

sustentada conforme os interesses da ideologia da esfera dominante, que retém o poder através das verdades (des)construídas nos discursos sobre o feminino, subordinando-o.

2.5 A linguagem dos quadrinhos - características textuais-discursivas e a produção do humor

Na tentativa de definir, inicialmente, o gênero discursivo Histórias em Quadrinhos (HQs), dada a dificuldade de distinção por ser um gênero situado “numa verdadeira ‘constelação’ de gêneros não-verbais ou icônico-verbais assemelhados” (MENDONÇA, 2007, p. 197), caracterizamos, “provisoriamente a HQ como um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas onde é inserido o texto verbal.” (IDEM, 2007, p. 199-200).

Partindo da consideração de Mainguenu (2005), de que as histórias em quadrinhos constituem-se um rótulo maior (um hipergênero) que abarca diferentes gêneros de características peculiares, mas que se compartilham, devido ao uso comum da linguagem, como por exemplo, a *charge* e o *cartum*, compreendemos as tirinhas como um subgênero dos quadrinhos – ou ainda, conforme Mendonça (2007), como um subtipo de HQ, dado seu caráter sintético, de até 4 quadrinhos.

Constituindo-se, assim, como um gênero de caráter narrativo, uma vez predominante o arranjo sequencial da narração, as tirinhas, diferentemente das narrativas tradicionais, conferem à constituição dos sentidos a realização verbal e não-verbal da linguagem. Palavras, gestos, expressões corporais se entrecruzam em circunstâncias enunciativas cujos personagens – fixos ou não - dialogam por meio “dos balões”, que simulam o discurso direto.

Configurando-se, pois, na superfície narrativa, a (inter) ação verbal e gestual explícita as fontes de significados; em paralelo, “Além de informações ditas nos balões e ilustradas nos quadrinhos, existe um espaço do não-dito e do não-visto que configuram implícitos responsáveis pela produção do humor.”², que, por sua vez,

No processo de significação e construção do sentido, (...) possibilita o refinamento de idéias e o alargamento da percepção do leitor no

² O Gênero Tira de Humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível. Artigo de José Ricardo Carvalho da Silva. Ano? p. 6. Acesso em 04/04/2011. Disponível em: http://www.Filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos.htm

aprimoramento de uma visão crítica, expondo os problemas culturais, sociais, raciais, étnicos, as situações estereotipadas e as fraquezas na convivência humana, ironizando e ridicularizando através dos exageros. O sujeito leitor aprende a subverter a lógica atravessando as fronteiras do óbvio (explícito X implícito)³.

Nesse sentido, o humor pode revelar-se poderoso instrumento de crítica social, possibilitando compreender os modos de sentir e pensar moldados pela cultura (BREMNER & ROODENBURG, 2000). Ou, como apontam Moura e Borges⁴, os quadrinhos também podem “contribuir para a reprodução de algumas ‘verdades’ sócio-culturalmente construídas acerca do universo feminino e masculino, respaldando assimetrias de poder entre os gêneros”.

Dessa forma, as tirinhas tanto podem fornecer bases para a formação de uma perspectiva crítica sobre as “dualidades” de gênero, como podem ser um veículo de “verdades” implicitamente impostas e cristalizadas que desconstroem para reconstruir uma imagem estigmatizada do ser feminino, acentuando-se, assim, a relação de poder entre os gêneros.

É imprescindível, portanto, ressaltar que, entre os gêneros discursivos de teor humorístico, as tirinhas não incitam apenas o riso, mas também traduzem, nas entrelinhas discursivas, valores sócio-culturais que, enraizados por ideologias internalizadas como doutrina, re (criam) a realidade instaurando modelos pré-definidos de identidades, como a ampla circulação da ridicularização do feminino. “(...) Isso porque, como qualquer outro texto, as tirinhas também sofrem influências sociais, históricas, culturais e, sobretudo, ideológicas; nesse sentido, podemos dizer que não se trata de textos inocentes (CIRNE, 1982, p. 11). Pois, geralmente, trata-se

de um discurso que reflete um papel manipulado por uma ideologia machista (...) cristalizando o estereótipo da identidade feminina que comunga com os *regimes de verdade* sobre feminilidade no senso comum. (...) Em suma, valores, crenças e comportamentos existentes em determinado meio social podem tornar-se parte das ideologias dos

³ Para além das palavras: Charges, Tiras e Quadrinhos. Artigo de Nilce Helena da Mota Garcia (UNIVAP). Ano? p. 3. Acesso em 09/04/2011. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss05_08.pdf

⁴ Discursos de identidades em tiras de humor: análise em duas vertentes críticas. Artigo de Sérgio Arruda de Moura e Eliana Maria Borges. Ano: 2009. p. 100. Acesso em 11/04/2011. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/08_logos31_sergioeliana.pdf

indivíduos que interagem nesse meio ao serem legitimados por práticas discursivas como essas.⁵

Desse modo, além de promover o efeito humorístico, os discursos das tirinhas podem recuperar expectativas masculinas que se revelam na forma como as mulheres são representadas. Ademais, o tom risível só se faz possível quando o contexto situacional representado nas tiras está em comunhão com as ideias socioculturalmente aceitas e compartilhadas pela sociedade atual.

Assim, essa construção identitária do feminino nos discursos, carregados de ideologia, pode ser percebida como o espaço do não-explicito que coexiste entre o humor e o gênero, aqui compreendido como *Gênero do Discurso*, como proposto por Bakhtin (2000). Nessa perspectiva, a natureza dialógica da linguagem sugere a interação de sujeitos sócio-historicamente situados. E assim, passamos o olhar para os efeitos de sentido dos textos a serem analisados, que, segundo Pêcheux (1969), trata-se do discurso propriamente dito, a fim de identificar a memória dos discursos sobre a mulher, presente no humor.

⁵ Charges e Quadrinhos: Construindo Identidades. Artigo de Eliana Maria Borges e Sérgio Arruda de Moura. Ano? p. 3. Acesso em 15/04/2011. Disponível em: WWW.filologia.org.br/ixenlf12/06.htm

3 ANÁLISE

3.1 Estereótipos do “tipicamente” feminino: uma representação da mulher e dos seus “previsíveis” papéis, nos quadrinhos de Maitena

Os discursos de gênero responsáveis pela construção da identidade feminina, que tendem a legitimar e acentuar as diferenças entre os sexos, determinam o que é tipicamente feminino e os papéis que a mulher deve exercer, bem como os espaços que devem ocupar, enquanto “inferior” ao homem. Nessa linha de pensamento, o universo feminino apresenta suas fronteiras delimitadas por um certo “horizonte” masculino, que dita as regras e mantém o domínio, mitificando qualquer êxito que porventura a mulher vivenciar.

Nos quadrinhos de Maitena, os estereótipos são “desmascarados”, por meio do humor, através de visões cristalizadas pelo senso comum e dos preconceitos mais bizarros que ressoam sobre a figura feminina, como no quadrinho a seguir:



Figura 01

Como é perceptível, a imagem traduz uma circunstância em que a mulher pertence a um nível social elevado, sendo solteira e independente. Duas características que ferem o discurso machista segundo o qual a mulher não pode viver sem o homem, pois não é capaz de se manter sem um apoio masculino; que é incompetente, e, portanto, impossível a obtenção de sucesso na sua vida profissional. Trata-se de um discurso que mostra que a mulher pode até obter algumas vitórias, mas se conseguir é porque alguém está “bancando”, que há um grande homem por trás dessa mulher: o ex ou o pai. Discurso este construído sob uma perspectiva ideológica através da qual os avanços femininos representam uma ameaça à ideologia “do poder”, pois, como afirma Brandão (2004:28), “A ideologia é conservação e resistência às modificações. O novo põe em perigo as bases estabelecidas pela ideologia.”. De tal modo, a

mulher que quebra com os paradigmas, como no quadrinho apresentado, é confrontada com novas formas de preconceito e soberania masculina. O que se reflete amplamente no humor, como reflete Possenti (2002:166):

“(...) trata-se de piadas machistas, e suas condições históricas de produção são as enormes conquistas sociais e profissionais relativamente recentes das mulheres, que os homens no fundo gostariam de suprimir, porque competem diretamente com eles. Não só tomam seus lugares no trabalho, mas ferem suas mais profundas convicções ideológicas relativamente aos respectivos lugares de um e de outro gênero.”.

Desse modo, até o novo, aqui compreendido como a ascensão da mulher na sociedade, é (re)moldado sob a perspectiva avessa: através de discursos que a rotulam como incapaz (de fazer coisas que competem à autoridade masculina); ou pelo sarcasmo (quando o jogo estratégico da ironia e do humor supõe a inutilidade dos esforços), acabam sempre por reafirmar os preconceitos, que tendem a firmar uma representação estereotipada da mulher.

Outro discurso que circula amplamente sobre o feminino diz respeito aos espaços que a mulher tem ocupado na esfera social. Espaços estes “pertencentes” ao domínio masculino. Assim, na tentativa de camuflar ou barrar essa conquista, os discursos de gênero “apelam” para o fracasso feminino, alimentando o preconceito de que quando a mulher tenta (inutilmente) ter participação nas atividades realizadas somente pelos homens, ou fazer o que “só” eles sabem, elas nunca terão êxito, pois são “taxadas” de extremamente desatentas e descuidadas, como pode ser identificado no seguinte quadrinho, que apresenta o estereótipo “*Mulher no volante: perigo constante*”:



Figura 02

O humor do quadrinho se dá no momento em que se confirma que a mulher que dirigia o carro é inconsequente, pois sequer viu o sinal, e provavelmente por distração. Assim,

podemos verificar o discurso de que a mulher pode até tentar fazer “coisas de homem”, mas nunca fará direito, pois sua natureza é essencialmente doméstica, e não social, uma vez que, à mulher reservam-se apenas as paredes do lar. Por isso, a cada nova tentativa de conquistar o seu espaço, de ter acesso a tudo que lhe foi negado, o discurso quebra com as possibilidades, ao mostrar, como no exemplo, que ela pode até dirigir, mas seu destino é o “fracasso”, pois nunca será igual ao homem, nunca será tão boa quanto ele, seja no volante, seja na vida “lá fora”.

Em síntese, podemos atentar para a ideologia que recorre ao discurso enquanto instrumento de manipulação de ideias e ideais, uma vez que, segundo Singly, (*apud* BADINTER, 2005, p. 47), o homem, “a cada avanço feminino, produz novas modalidades de dominação.”, através de discursos rotulantes como esse.

Nessa linha de pensamento, dada a concepção “perfeita” (tradicional) de mulher, esta deve ser casada, ou morar com os pais, bem como ficar em casa cuidando do lar. Produto de uma construção cultural e histórica, a verdadeira imagem feminina é aquela que obedece a esses padrões de conduta e divisões de papéis estabelecidos pela ideologia dominante, que busca impor o seu reino de geração a geração, como pode ser identificado no quadrinho a seguir:



Figura 03

De acordo com esse quadrinho, mulher livre e independente não corresponde às expectativas masculinas tradicionais. O humor é produzido conforme a quebra dessa mesma expectativa na fala do pai, que não aceita tais “comportamentos” de uma mulher. Conforme Possenti (2002:166), tal estereótipo pode ser explicado “como uma retomada do discurso segundo o qual as mulheres que ‘abandonam’ o lar para trabalhar fora, no fundo não são mulheres sérias.”. O que nos coloca diante de uma construção histórico-cultural que evidencia os papéis que competem a cada um dos gêneros. Nesse caso, se a mulher resolve fazer a sua

própria vida, ferindo assim, o “orgulho” masculino, esta deve ser punida de algum modo, no espaço discursivo. O que pode ser explicado na fala de Possenti (2002:166): “Este é um lugar de evidente construção de um simulacro: onde o discurso da mulher diz que ela é livre, o discurso masculino diz que ela é ‘puta’”.

Esse mesmo discurso machista, que resume as funções femininas aos assuntos do lar, também pode ser evidenciado no quadrinho seguinte, em que a esposa queixa-se do marido, que se indigna por ser chamado de machista:



Figura 04

Nesse quadrinho, a produção do humor se dá exatamente quando o seu companheiro acaba por reafirmar o seu machismo, na contradição de suas palavras, ao dizer que essas coisas que ele faz “generosamente” são atividades de responsabilidade da esposa, e não dele ou do casal. O que reflete um discurso sobre mulher totalmente enraizado em concepções ideológicas responsáveis pela determinação de papéis hierarquizados. Como é perceptível, trata-se de “um produto já preparado por um certo ‘horizonte de expectativa’ marcadamente ideológico que traz em si um mecanismo que é de toda a sociedade: a determinação de lugares sociais femininos e masculinos.”⁶ Ou seja, à mulher são reservados os papéis domésticos referentes ao espaço do lar, como forma de se estabelecer uma divisão “coerente” com a expectativa da ideologia machista, para que o homem possa exercer os papéis de “maior importância”, e a mulher continue sendo subordinada.

Já no quadrinho seguinte, verificamos o discurso patriarcal, através do qual a mulher deve “pertencer” a um homem.

⁶ Charges e Quadrinhos: Construindo Identidades. Artigo de Eliana Maria Borges e Sérgio Arruda de Moura. Ano? p.3. Acesso em 15/04/2011. Disponível em: WWW.filologia.org.br/ixcnlf12/06.htm



Figura 05

Nessa situação discursiva, a mãe cobra da filha o casamento – a mulher que não casar “fica para titia”, enquanto o homem que não tem esposa é um privilegiado – logo, podemos verificar através desse discurso a ideologia patriarcal, dada a exigência do casamento numa sociedade em que a mulher deve exercer papéis pré-determinados.

Podemos observar também que a mulher do quadrinho mostra-se despreocupada quanto ao assunto; no entanto, o efeito humorístico se dá no momento em que ela revela a sua espera perpétua pelo seu príncipe encantado, pelo homem perfeito: Nota-se os óculos “fundo de garrafa” e que ela já tem poucos dentes, o que nos leva à compreensão de que suas exigências são utópicas, pois já faz muito tempo que o espera. Assim, o discurso revela que não existe o homem perfeito, afinal, sua natureza (machista) não exige; mas a mulher deve atender a todos os critérios de perfeição - ser uma verdadeira dama: uma linda e serviente esposa, mãe e dona de casa.

Outro estereótipo que retoma preconceitos arraigados nas práticas discursivas sobre a mulher, diz respeito ao consumismo. Aliado à vaidade, é encarado como uma peculiaridade exclusivamente feminina. Em contrapartida, indiscutivelmente mais “racional”, o homem representa o equilíbrio e a sensatez, como pode ser observado no próximo quadrinho:



Figura 06

Nota-se que a aparência da mulher nesse quadrinho é bem mais requintada que a do seu marido; e o seu interesse é por um objeto apenas decorativo, retomando, assim, o discurso da vaidade, da futilidade e do instinto compulsivo de compra da mulher, embora o produto seja mais cedo ou mais tarde esquecido ou jogado fora, porque a necessidade (feminina) era simplesmente atender o desejo naquele momento, sem importar o preço, a condição financeira, ou mesmo a utilidade.

A fragilidade e o sentimentalismo também são reforçados nos discursos masculinos, em que a mulher é representada como uma inquietante escrava emocional, como se pode observar no seguinte quadrinho:



Figura 08

Como é perceptível, nessa situação discursiva, a preocupação do homem é ler e ter conhecimento sobre as notícias do dia; enquanto a da mulher volta-se para o lado pessoal, e essencialmente emotivo. O humor é produzido, primeiramente, na indiferença do seu marido que interpreta de forma distorcida a queixa de sua esposa; e em segundo lugar, na sua postura ideológica/preconceituosa de lhe entregar a parte do jornal destinada ao público feminino, com os assuntos da TV, provavelmente com fofocas e outras futilidades, consideradas o único interesse da camada feminina. Assim, podemos dizer que tais valores, que determinam diferenças entre homens e mulheres, são reflexos tão somente das “manobras” discursivas a fim de sustentar as bases ideológicas da ditadura masculina.

Já no próximo quadrinho, torna-se evidente o discurso da inferioridade e submissão da mulher diante de seu “dono”, que detém todo o controle e poder:



Figura 09

Por trás do efeito humorístico, produzido por meio do conformismo e da gratidão da mulher que se mostra realizada mesmo quando o seu companheiro não é o “melhor do mundo”, revela-se mais uma vez a supremacia da esfera masculina. Dada a sua condição inferior, a mulher ideal seria aquela que silencia, que aceita, que agradece, que não exige igualdade, que se entrega à condição de subordinada, reavivando a relação de poder à qual está submetida. Segundo ZOLIN (2008:357), essa dominação “é estruturada de tal forma que é capaz de levar as próprias mulheres a contribuírem para com a própria exclusão e subordinação.”, o que pode ser identificado no quadrinho acima. Em suma, o presente discurso, através da ironia e do humor, retoma a ideia de que a mulher é indiscutivelmente inferior, e que cabe à mesma a ignorância, a aceitação e o silêncio.

3.2 Subversão e retomada de estereótipos

3.2.1 “Aline”: Revolução feminina e reafirmação dos papéis de gênero

Diferentemente da mulher conservadora, que corresponde aos valores da ideologia patriarcal, a personagem Aline é o modelo da garota moderninha, subversiva e livre para fazer o que bem entender; tem dois namorados e uma “penca” de amantes, que lhes servem para atender aos seus desejos e caprichos mais ousados. Quebrando, assim, com todas as regras machistas que põem o homem em primeiro lugar. Se antes era o varão quem traía, agora é “Aline”, o símbolo da independência feminina:



Figura 10. Disponível em: <http://adao-tiras.blog.uol.com.br/aline/>

Como é possível perceber, o humor dessa tirinha gira em torno da quebra de expectativas quanto ao que se espera da mulher, bem como do exagero, dado o excesso de parceiros da personagem. Aline rompe com os padrões estabelecidos, assumindo uma posição de comando, sem assumir um compromisso muito “sério”, comportamento que se espera somente da esfera masculina. E, ainda que aconteça uma quebra das regras sociais, uma vez que a personagem se relaciona com mais de um parceiro, não haveria humor se fosse o homem quem aparecesse com mais de uma mulher, visto que, na sociedade, internalizou-se a ideia de que o homem pode ter a liberdade de se relacionar com quantas mulheres ele quiser. O discurso reforça, através da ironia, a ideia de que, para a mulher, esta é uma situação inconcebível.

Além disso, a progressão dos quadrinhos pode sugerir a ideia de que “com os parceiros extra-conjugais a relação é mais quente”. Recursos humorísticos, enfim, que podem implicar na ideia de que as mulheres “moderninhas” agem como homens, são liberais e subversivas, retomando, assim, a memória discursiva que resgata e reafirma as diferenças de postura esperadas de homens e mulheres, através do discurso “avesso”, camuflado.

Outro estereótipo bastante recorrente sobre a figura feminina é a caracterização relacionada ao ciúme. Os discursos reforçam a ideia de que a mulher extrapola os limites da desconfiança e é constantemente histérica nas relações amorosas. Aline representa mais uma vez esse mulher despreocupada, senhora de suas vontades e fantasias, quebrando totalmente com o estereótipo de mulher ciumenta, como no quadrinho a seguir:



Figura 11. Disponível em: <http://www.fedemos.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/05/aline-4111.gif>

A tirinha revela a supremacia da personagem na relação. Como detém todo o poder, suas vontades devem ser atendidas e os namorados devem se render aos seus caprichos. O humor da tirinha, além de girar em torno da situação à qual se submeteram, está no fato de que Aline não sente ciúmes, daí a tensão dos namorados no último quadrinho. Quebrando, assim, através do humor, com o estereótipo; mas, ao mesmo tempo, retomando-o, através do interdiscurso que retoma a ideia de que toda mulher é ciumenta. Pois, contrariando-se a ideia que se construiu sobre a mulher, em que lhe são atribuídas características e comportamentos estereotipados, como a histeria e o ciúme, revela-se uma tentativa de reforçar tais condutas como inerentes à natureza feminina, uma vez que esse discurso apresenta, de forma completamente irônica, uma figura feminina pouco convencional: uma mulher que não sente ciúmes.

Nota-se, ainda, que nessa situação discursiva, Aline assume uma identidade máscula, ao realizar uma tradicional fantasia masculina de um possível amor a três, saciada pelo prazer de ver duas mulheres se beijando. Dessa forma, a personagem assume mais uma vez uma identidade inversa, isto é, um comportamento esperado somente dos homens, contrariando os discursos predominantes; mas, ao mesmo tempo, retomando-os, através das expectativas quanto ao que se espera de ambos os gêneros.

Outra tirinha, em que o pai de Aline está no quarto com uma amante, apresenta o estereótipo de mulher fofqueira, na fala e na atitude do pai:



Figura 12. Disponível em: <http://www.iblog.com.br/quadrinhos.php?blogid=84&archive=2009-11>

Como é notório, no campo discursivo, a amante é taxada segundo características consideradas de “meninhas”. No entanto, a expectativa é quebrada, através da inversão de posturas, causando o efeito humorístico. Logo, o discurso presente dá margem não à ideia de que o homem dos dias atuais é fofoqueiro, como se esse discurso fosse na verdade uma quebra do interdiscurso sobre a mulher; mas sim, à ideia de que tal situação torna-se totalmente bizarra, quando o homem é representado com características “tipicamente” femininas, o que implica na retomada do discurso de que mulher adora uma “conversinha” com as amigas.

Na próxima tirinha, Aline (completamente à vontade) e um dos seus namorados estão no sofá, enquanto o outro se oferece para cozinhar. A situação inicial rompe com o discurso segundo o qual caberia à mulher tal tarefa:



Figura 13. Disponível em: http://neurasteniaa.zip.net/images/aline_era02.jpg

No primeiro quadrinho, Aline e Otto mostram-se surpresos com a aptidão de saber cozinhar que Pedro diz ter. O que revela, inicialmente, a existência de um pré-construído, segundo o qual não se espera tal aptidão do homem. Por trás do efeito humorístico, que gira

em torno da quebra de expectativa, uma vez que o seu namorado não era de fato um “cozinheiro inato”, a situação apresentada na tirinha reforça a ideia de que tal tarefa pertence exclusivamente aos cuidados femininos, retomando o discurso de que lugar de mulher (e não do homem) é na cozinha.

3.2.2 Jandira e Gervásio: dualidades de gênero na troca de papéis

Diferentemente da mulher submissa, Jandira assume uma posição autoritária perante o seu marido Gervásio, que acata as suas ordens para não sofrer os “danos”. Contudo, apesar das diferentes atitudes esperadas por cada um, ambos assumem papéis socialmente pré-estabelecidos pela sociedade, pois, enquanto Jandira é uma típica dona de casa, cujo domínio se restringe às paredes do lar, Gervásio é um mecânico. Cabe ressaltar, no entanto, que esses papéis são, por vezes, confundidos, como é possível perceber a seguir:



Figura 14. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/13/14.htm>

Nota-se, no primeiro quadrinho, que o personagem apresenta-se acomodado em sua cama, com a expectativa típica masculina de que sua esposa, enquanto submissa, tenha acordado mais cedo e preparado o seu café. No entanto, essa expectativa é quebrada no segundo quadrinho, ao se deparar com um bilhete que lhe incube a tarefa de limpar a cozinha, o que provoca o efeito de humor. Contudo, apesar dessa “confusão” de papéis, o discurso masculino é retomado, ao sugerir nas entrelinhas da ironia, os papéis que competem a um e a outro gênero, uma vez que, convencionalmente, caberia a mulher tal trabalho. Outro fator importante a ser observado é o fato de que Gervásio, enquanto homem, apresenta-se sempre de modo bem-humorado, enquanto Jandira representa a mulher mal-humorada – característica comumente associada à personalidade feminina, e retomada nesse discurso.

Na tirinha seguinte, Jandira ordena, mais uma vez, que Gervásio cumpra uma tarefa doméstica – lavar a roupa:



Figura 15. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xcnlf/13/14_arquivos/image002.jpg

O personagem, por sua vez, não demonstra nenhuma insatisfação em realizar tal pedido, mas sugere, no segundo quadrinho, que sua esposa peça com mais carinho, que diga “por favor”, já que se trata de algo que ela deveria fazer. No entanto, no último quadrinho, Jandira reforça, através da violência, a ideia de que é ela quem decide e quem manda, pois não é mulher de pedir favor nenhum, já que também não considera que tarefas domésticas sejam de responsabilidade sua. Conseguindo, assim, o efeito desejado – a postura inferior do marido e sua obediência. O que novamente retoma o (inter)discurso de que a natureza feminina deve ser destinada ao silêncio da domesticidade, uma vez que a partir do momento em que o personagem sugere que ela peça “por favor”, é notório o discurso que diz que tal trabalho compete exclusivamente à esfera feminina.

Já na seguinte tirinha, Gervásio se impõe (ou tentar se impor) contra a submissão da mulher, demonstrando coragem em desafiar-lá. No entanto, enquanto o mecânico tenta ganhar coragem para fazer o que disse que ia fazer, Jandira está sentada lendo o jornal - atitude convencionalmente esperada dos homens, já que à mulher caberia os afazeres domésticos e os assuntos frívolos:



Figura 16. Disponível em: <http://www.humortadela.com.br/c/piadas/tiras/cont/02751.gif>

Outro fator importante nota-se quando o personagem hesita em arriscar sair, temendo as possíveis reações de sua esposa. Sabe-se que, em tempos remotos, as mulheres negras eram submetidas ao trabalho escravo, sendo sujeitas a todo tipo de violência do seu senhor branco. A sua condição de “inferioridade” era determinada pela sua cor. Nota-se que Jandira é uma “Senhora” negra (dadas as pistas, como o seu cabelo crespo e os seus lábios grossos); enquanto Gervásio é um pobre “escravo” branco. Nota-se, ainda, que ela é gorda e ele é magro – características opostas determinantes no universo das aparências. Primeiramente, identificamos essa troca marcadamente ideológica de papéis, dada a ironia que vai de encontro a um construto histórico, em que a mulher, uma minoria excluída, e em especial a mulher negra (duplamente excluída), submete-se ao homem branco.

Contudo, podemos supor que a opção de Jandira em casar-se com Gervásio, no nível do discurso, está intrinsecamente associada às relações de poder, que emergem dos relacionamentos interraciais, uma vez que ter um homem branco poderia lhe garantir um *status* social mais elevado, como bem aponta SILVA (2008:126), ao parafrasear as palavras de Fanon (1983): “para o negro, a única porta de saída é o branco, atitude justificada pela sua preocupação daquele em ter que ser poderoso quanto este, de quem não exige nada apenas a brancura.”.

Nesse caso, podemos supor que, ao ser mulher de um homem branco, a personagem sente-se mais segura, mais convicta de sua posição social; tão poderosa quanto este, ou até mais. E isso pode ser simbolizado em tal discurso, uma vez que Jandira assume um papel antes exercido pelo senhor branco, sendo igualmente autoritária e violenta, causando o temor do seu marido, que se “ajoelha” diante de seu poder. O que retoma, assim, o discurso divisor de papéis, o domínio que um exerce sobre o outro gênero e o abismo entre os sexos, através do discurso avesso do humor, uma vez que a representação de uma mulher numa posição de superioridade frente a um homem reforça a “ingenuidade” de tal ideia, já que essa imagem adulterada é a própria razão do efeito de humor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na presente análise, pudemos observar que os “ingênuos” efeitos de sentido que operam na construção do ser feminino na esfera humorística tendem a legitimar estereótipos que reavivam as diferenças entre homens e mulheres, no sentido de firmar e reafirmar o domínio de um sobre o outro gênero. Por outro lado, consideramos os textos analisados como objetos de reflexão que nos permitiram observar que a ideologia patriarcal continua presente através de uma manipulação histórica, social e cultural camuflada em discursos que impõe à mulher um lugar de submissão e silêncio, apesar das imensas conquistas sociais.

Pudemos identificar, através dos discursos analisados, o ideal de uma ideologia dominante que constrói um molde ou perfil social que deve ser internalizado pela mulher, a fim de projetá-la conforme valores que sustentem os pilares masculinos. Conforme observamos, as representações do feminino reforçam conceitos rotulantes, que determinam como as mulheres são e devem ser, o que elas fazem, e, implicitamente, os lugares que devem ocupar. Pudemos perceber, dessa forma, assim como compreende Fairclough (2001), como o discurso age no sentido de construir identidades sociais e verdades, que se cristalizam conforme determinados fins ideológicos de dominação.

Constatamos que os discursos analisados são reflexos dessa “ditadura” masculina, implícita no modo como a mulher é representada, uma vez que até os discursos aparentemente revolucionários, também promovem a ridicularização e inferioridade do ser feminino, uma vez que o efeito humorístico se dá, na maioria das vezes, através da ironia, das rupturas ou da troca de papéis.

Nessa perspectiva, pudemos observar como tais discursos trabalham de forma a ironizar o “poder” e as conquistas femininas, reforçando ideias e características estereotipadas que as definem como incompetentes, fúteis, demasiadamente sentimentais e histéricas. Por outro lado, não queremos dizer que não exista certa parcela de mulheres que possam se encaixar nesse “molde” feminino tão representado e circulado nos discursos humorísticos, mas isso não deve ser, em hipótese alguma, associado ao sexo, pois, como vimos, existe todo um condicionamento histórico, ideológico e cultural que trabalha no sentido de fazer com que as mulheres sejam ou se sintam assim. E, em segundo lugar, é relevante ressaltar que a generalização e o exagero (os estereótipos) criam uma imagem que, conseqüentemente, perpetua-se na memória coletiva, acentuando-se as relações de poder entre homens e

mulheres, e criando-se espaços para a proliferação do preconceito desenfreado, não só no humor, mas também na história.

Em suma, como foi possível observar, são circunstâncias histórico-culturais que determinam e fortalecem as práticas discursivas responsáveis pelo abismo entre os gêneros, no desprestígio à figura feminina, através de ideias que a colocam numa posição indiscutivelmente inferior. Logo, reafirmamos a importância deste trabalho, uma vez que enfatizamos a necessidade de se rever e refletir a percepção dessas imagens culturalmente estigmatizadas, e analisar os discursos com criticidade e flexibilidade, para que determinados pontos de vista, aparentemente inocentes, não sejam glorificados e compreendidos como verdades absolutas.

5 REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado O feminismo e alguns destinos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1975.
- BURUNDARENA, Maitena. **Mulheres Alteradas 1**. Trad. Ryta Vinagres. – Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. O que essa história tem a ver com as relações de gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação docente. *In* _____ (org). **Gênero e Educação: Múltiplas Faces**. - João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª Ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social (Trad. Izabel Magalhães). Brasília: UnB, 2001.
- FERNANDES, Miriam Munhoz. **O papel da mulher na sociedade brasileira: da sociedade colonial aos dias atuais**. 2005. Disponível em: http://www.monteirolobato.com.br/material/palestra_miriam.doc
- GREGOLIN, Maria do Rosário. A mídia e a espetacularização da cultura. *In* _____(org.). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 9-17.
- _____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. *In*: **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. Cap. 3. p. 95-109.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Genre, hypergenre, dialogue**. *Caleidoscópio*. São Leopoldo: Unisinus, v. 3. n. 2., 2005.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 194-207.

- MOITA LOPES, L.P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. *In:* _____ (Org.) **Discursos de Identidades**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª Ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- _____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In:* ACHARD, P. **Papel da Memória**. Campinas. SP: Pontes, 1999.
- _____. Análise automática do Discurso. *In:* GADET, F. & HAK,T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas (SP), Editora da Unicamp, pp. 61-87, (1969) 1990.
- POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar, 2002.
- SILVA, Marluce Pereira da. Práticas discursivas de heranças coloniais: a mulher negra e a seletividade afetivo-sexual. *In:* SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: EDUEP, 2008. pp. 347-353.
- TÍLIO, Rogério C. Discurso e Linguagem: Uma perspectiva social. **Revista eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v. VII, n. XXV, p. 99-119, 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/13/20>
- ZOLIN, Lúcia Osana. Representação literária do gênero, resistência e os múltiplos lugares do feminismo. *In:* SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org). **Identidades de gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: EDUEP, 2008.